

O inominável: representações da morte por suicídio

The unnamable: representations of death by suicide

Alexandra Verardi Burlamaque¹, Cristina Fioreze², Andrei Luiz Lodéa³

Como citar esse artigo.
BURLAMAQUE, A. V. FIOREZE, C. LODÉA, A. L. O inominável: representações da morte por suicídio. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 1, p. 69-82, jan./abr. 2025.



Resumo

O suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial, representando um grave problema de saúde pública. Este artigo busca entender como a morte por suicídio é representada individual e coletivamente e como essas representações influenciam o luto dos sobreviventes. A pesquisa qualitativa, descritiva e de campo coletou dados por meio de entrevistas semiestruturadas com oito familiares enlutados. Os resultados foram organizados em quatro categorias: a) significados e representações do suicídio; b) juízos da família; c) marcas do suicídio nos sobreviventes; d) enfrentamento do luto. Observou-se que o suicídio é frequentemente permeado por estigmas, levando os familiares a atribuir significados que tornam essa morte socialmente interdita. Destaca-se a importância de considerar a resiliência, tanto individual quanto familiar, no processo de luto. O estudo enfatiza a urgente necessidade de programas e ações voltados à posvenção do suicídio.

Palavras-chave: Suicídio; Morte; Enlutados; Luto.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

Suicide is a complex and multifactorial phenomenon, representing a serious public health problem. This article aims to understand how death by suicide is represented both individually and collectively, and how these representations influence the grief of survivors. The qualitative, descriptive, and field research collected data through semi-structured interviews with eight grieving family members. The results were organized into four categories: a) meanings and representations of suicide; b) family judgments; c) marks of suicide on survivors; d) coping with grief. It was observed that suicide is often permeated by stigmas, leading family members to attribute meanings that render this death socially prohibited. The importance of considering resilience, both individual and familial, in the grieving process is highlighted. The study emphasizes the urgent need for programs and actions aimed at suicide postvention.

Keywords: Suicide; Death; Grievors; Mourning.

Afiliação dos autores:

¹Mestre em Envelhecimento Humano pela Universidade de Passo Fundo. Professora do Curso de Psicologia da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

²Doutora em Sociologia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

³Doutor em Filosofia. Professor do Curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail de correspondência: avburlamaque@gmail.com

Recebido em: 14/10/2024. Aceito em: 13/03/2025.

Introdução

A morte não é apenas um evento de ordem biológica. Possui, também, dimensões religiosas, psicológicas, sociais, filosóficas, antropológicas, espirituais e pedagógicas. Trata-se de um fenômeno que desperta reflexões e questionamentos em todas as culturas, antecedendo ao período da história escrita (Santos, 2009).

No que refere-se ao contexto da morte, menciona-se o trabalho do historiador Philippe Ariès (2012), que, ao longo de quinze anos, realizou uma pesquisa acerca das atitudes do ser humano diante da morte, trazendo elementos que vão desde a Idade Média até os dias atuais. Em seu percurso de pesquisa, identificou diferentes formas de lidar com a morte. De acordo com Ariès (2012), no século XII, a morte era considerada algo comum e esperado, assim como se considerava que as pessoas eram avisadas por meio de sinais naturais que a morte estava próxima; as expressões de tristeza e lamentações não se faziam tão presentes, posto que a morte era naturalmente aceita como uma fase do desenvolvimento.

Já na sociedade contemporânea ocidental, em sua maioria, espera-se que a morte ocorra no hospital e, se possível, o mais distante das demais pessoas. Em retrospecto, no século XII, as cerimônias fúnebres costumavam ocorrer na casa ou no quarto do falecido, organizada de forma que todos entrassem livremente (Ariès, 2012). Entre os séculos XII e XVIII, a morte passa a ser retratada com temas macabros e imagens de decomposições físicas, fazendo emergir ideias relacionadas ao pecado, sofrimento e juízo final. Já na segunda metade do século XIX, a morte, naturalizada no passado, dá espaço para o silêncio, medo e vergonha. Morrer, a partir de então, é omitido de forma silenciosa e o falecido deixa de ficar em casa. Ariès (2012) discorre que os rituais passam a ser menos expressivos, ou seja, não ocorrem tantas manifestações de luto, como as vestes escuras que as pessoas costumavam usar, por exemplo. Ademais, as condolências aos familiares passam a ocorrer de forma discreta e surgem instituições que passam a ser responsáveis por tudo que se refere ao ocorrido e atos fúnebres. O historiador nomeia tal situação de “morte interdita”, que possui relação com a questão de fluidez, felicidade, rapidez e a constante necessidade de produção manifestada pela sociedade moderna e contemporânea. Acerca disso, Ariès (2012) infere que essa mudança relacionada às representações e significados do morrer favorece um deslocamento da morte, tornando esse processo algo estranho ao indivíduo.

Caputo (2008) aborda a morte como um desafio para as mais diversas culturas, caracterizada pela incerteza, mistério e, possivelmente, medo daquilo que não se conhece nem se conhecerá de forma concreta. Observa-se significativo desenvolvimento dos estudos sobre a morte após as guerras mundiais no século XX, com destaque para a obra *The Meaning of Death* (1959), de Hermann Feifel, que discorre sobre a necessidade de abertura social para discussões sobre a morte e o morrer, com textos abordando filosofia, religião, arte, psicologia e sociologia.

Nesse mesmo contexto, estudos da antropologia e sociologia acerca da morte surgiram, principalmente através de Durkheim (2004), Mauss (2001) e Radcliff-Brown (1973), os quais discorrem sobre as representações da morte e também buscavam caracterizá-la para fora dos usuais domínios biológicos. Os autores abordavam-na como um fato público e explícito, cujas crenças e rituais se agregam na tentativa de sobressair a ameaça de extinção social imposta pela morte.

Neste contexto histórico, Ariès (1977) reitera que o século XX mobilizou uma transformação da morte, que era anteriormente vivenciada no âmbito familiar e doméstico como parte constituinte da vida normal e do ciclo de vida, para, com o passar dos anos, ser ocultada do dia a dia e até mesmo tratada com aparente indiferença e distanciamento nos biombos hospitalares. Os processos de luto mobilizados pela morte são abandonados às práticas individuais, com a finalidade de poupar o coletivo, fazendo do luto um fenômeno privado.

Rodrigues (2006) trata a neutralização dos ritos funerários e ocultação da morte como parte de uma incapacidade e inabilidade social de se lidar com ela, inclusive, transferindo, quando possível, o ato de morrer para o hospital, espaço onde a pessoa e seus familiares se despersonalizam, o que reforça o tabu em torno da morte.

Diante do exposto e compreendendo que a temática da morte já carrega em si seus próprios estigmas, a morte por suicídio destoa por sua singularidade autodestrutiva, que vai contra os ideais contemporâneos de manter a vida a todo custo. Botega (2005) defende que voltar-se contra a própria integridade e existência faz emergir uma série de estigmas e dúvidas sobre as causas do ato, tanto para a sociedade em geral quanto para a família sobrevivente.

Assim, entende-se que, para a compreensão do suicídio, é necessário lançar um olhar atento às singularidades de cada situação, uma vez que a complexidade do fenômeno aponta fatores internos e externos à pessoa que comete o suicídio. Macedo e Werlang (2007) apresentam o suicídio como um ato extremo, que representa uma ruptura radical para se livrar de uma dor psíquica insuportável e, possivelmente, decorrente da vivência de situações disruptivas, sugerindo que a dor psíquica corresponde a um sentimento de desagregar-se de si mesmo, aproximando o indivíduo da vivência da morte e sendo uma resposta autodestrutiva à intensa dor psíquica, isto é, uma saída para pôr fim às angústias que ameaçam a integridade do eu. Em nome da não dor, a pessoa renuncia à própria vida por meio de um “ato-dor” (Laplanche; Pontalis, 1983).

Émile Durkheim (1897) definiu o suicídio como um tipo de morte que decorre direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima. O autor argumenta que o suicídio é um fato social e que possui sua gênese na constituição das sociedades. Conforme o sociólogo, o fenômeno do suicídio é decorrente de um processo social, em que os fatores sociais agem não sobre os indivíduos isolados, mas sobre o grupo, sobre o conjunto da sociedade. Com isso, sociologicamente, pode-se compreender o suicídio como uma manifestação transcultural sujeita a valorações ambivalentes, marcada por significados que variam ao longo da história e de cada sociedade.

Nos dias atuais, entende-se a complexidade do comportamento suicida e as repercussões psicossociais implicadas não somente no ato, mas também no processo de luto, reorganização e recuperação das pessoas próximas de quem cometeu o suicídio. Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2019), os sobreviventes experimentam sofrimentos expressos principalmente em angústia e culpa, que constituem um importante fator de risco para novos suicídios.

Destarte, o suicídio de uma pessoa é, inevitavelmente, cercado por questionamentos, inquietações, mistérios e estigmas, porém, acima de tudo, é procedido por sentimentos intensos e ambivalentes em torno dos enlutados que permanecem, denominados pela Suicidologia de sobreviventes, desde o trabalho seminal de Albert Cain (1972). Diante dos estigmas e tabus, a grande maioria das famílias sobreviventes ao suicídio vivencia um processo denominado luto não reconhecido ou não autorizado, que acontece devido à forte desaprovação social e cultural sobre esse tipo de morte, considerada obscura e censurada (Scavacini, 2018).

Jordan e McIntosh (2011) defendem que os nomeados sobreviventes do suicídio compreendem os familiares, namorados, companheiros, amigos, colegas de trabalho, colegas de escola, professores, terapeutas, vizinhos ou qualquer outra pessoa que mantinha relação próxima e significativa com a pessoa que morreu. Ademais, Fukumitsu e Kovács (2016) discorrem que a denominação de “sobrevivente” para enlutados por suicídio é justificada por tratar-se de uma morte violenta e repentina, que pode provocar culpa e autoacusação, demandando significativa energia psíquica para o enfrentamento do luto e reorganização do equilíbrio, sobretudo das famílias que atravessam esse tipo de luto.

Conforme Fukumitsu e Kovács (2016), é importante ressaltar que, assim como o comportamento suicida não pode ser reduzido a explicações simplistas, o processo de luto desse tipo de morte também não deve apresentar uma única compreensão. As autoras ressaltam que, para além da morte por suicídio e suas possíveis repercussões traumáticas, o sobrevivente deve aprender a lidar com a ausência e com o sofrimento decorrente do impacto da morte autoinfligida. O que é potencialmente traumatizante ao sobrevivente não é somente a dor do fato em si, mas também os questionamentos, invalidação social e culpabilização.

De acordo com Worden (2013), a vergonha se destaca entre os sentimentos de uma pessoa

sobrevivente de uma morte por suicídio, sendo uma de suas justificativas o fato de que a morte em si já vem a ser um tabu e transgressão no imaginário social e cultural, o que é potencializado em um suicídio. Assim, essa temática é marcada por proibições, estigmas, tabus e preconceitos que, comumente, são dirigidos aos sujeitos e às suas famílias. Com isso, as pesquisas mostram que o sofrimento e trauma de um ato suicida é muito alto aos sobreviventes, estimando-se que entre cinco e dez familiares e amigos são diretamente afetados por esse acontecimento (WHO, 2014; Scavacini, 2018; Fukumitsu; Kovács, 2016).

Diante das especificidades individuais, sociais e culturais, os sobreviventes podem passar a fazer parte do grupo de risco para o suicídio, haja vista que os sentimentos relatados mais frequentes são a vergonha e culpa, reforçadas pelo não preparo individual e coletivo para auxiliar de forma efetiva e eficaz os enlutados sobreviventes e, assim, perpetuando representações e significações que vêm a reforçar o estigma envolto ao suicídio.

Considerando a vasta gama de literaturas que abordam os temas morte e suicídio, este artigo se ocupa de compreender as narrativas de sobreviventes enlutados pelo suicídio de familiares acerca das representações individuais e coletivas sobre o suicídio, bem como de que forma tais representações podem influenciar na vivência de enfrentamento do luto, tão singular e repleto de nuances. Nesse sentido, tem-se o seguinte problema: de que forma a morte por suicídio é representada individual e coletivamente e como tais representações influenciam no enfrentamento do luto?

Para atingir esse propósito, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo com sobreviventes enlutados pelo suicídio de familiares. Utilizou-se entrevista semiestruturada para compreensão das vivências singulares dos participantes. A análise dos dados coletados inspirou-se na análise de conteúdo de Bardin (2011), que permitiu chegar às seguintes categorias de análise: a) significados e representações do suicídio; b) juízes da família: desinformações e comentários; c) as marcas do suicídio nos sobreviventes enlutados; d) em luto, eu luto.

Percurso metodológico

O presente artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo, cujos dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas aplicadas junto a uma amostra de oito pessoas enlutadas pelo suicídio de familiares, com distintos vínculos de parentesco com a pessoa que cometeu suicídio e em distintos períodos de tempo.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão para a pesquisa: a) ser enlutado sobrevivente da morte por suicídio há, no mínimo, um ano; b) possuir os seguintes graus de parentesco com o indivíduo que cometeu o suicídio: pais, irmãos, cônjuge ou filhos; c) sujeitos maiores de 18 anos; d) ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado. Quanto aos critérios de exclusão, foram considerados: a) pessoas menores de 18 anos; b) pessoas com prejuízos auditivos, visuais e cognitivos; c) não desejar participar da pesquisa; d) pessoas em intenso sofrimento psíquico; e) ser familiar de outro participante da pesquisa.

A seleção dos participantes se deu através da técnica *snowball sampling* (bola de neve), que se refere a uma forma de seleção não probabilística de amostra e que usa redes de referência e indicações para o acesso a potenciais participantes. Dessa forma, trata-se de uma técnica efetiva para se estudar questões delicadas e que são de âmbito privado (Vinuto, 2014). No que refere-se ao número de entrevistados da pesquisa, contou-se com a participação de oito pessoas enlutadas pelo suicídio de um ente querido.

Nas entrevistas com os participantes, foram contempladas questões que pudessem demonstrar e descrever as vivências de familiares enlutados pela morte por suicídio, bem como, quais as percepções que os participantes da pesquisa possuem acerca desse tipo de morte e como percebem que a morte por suicídio é vista e interpretada socialmente. Todas as entrevistas ocorreram entre outubro e novembro de 2023, de forma individual e via plataforma *Google Meet*, gravadas e posteriormente transcritas a partir de dois encontros com cada participante, com duração aproximada de 1 hora e 30

minutos cada entrevista. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob parecer número 6.302.163. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O método para análise dos dados foi inspirado na Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), amplamente utilizada quando o objetivo da pesquisa é analisar os dados provenientes das comunicações, buscando compreender os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum. Franco (2008, p. 10) afirma que a análise de conteúdo está situada “no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento”. Portanto, esse método de análise utiliza como ponto de partida a mensagem, que não deve ser considerada um ato isolado, posto que também está vinculada às condições contextuais de seus produtores.

Os materiais coletados a partir das entrevistas foram organizados, inicialmente, de forma mais abrangente, através da construção de quadros com base nas questões norteadoras para as entrevistas, o que possibilitou um olhar mais amplo dos achados para, posteriormente, identificar os principais conteúdos das narrativas dos participantes em categorias de análise, a partir das quais está estruturada a apresentação e discussão dos resultados na sequência.

Resultados e Discussão

As entrevistas foram organizadas a partir da análise dos significados e representações individuais e coletivas da morte por suicídio e suas repercussões no enfrentamento do luto dos sobreviventes. Com isso, os achados das entrevistas foram estruturados em três categorias: a) significados e representações do suicídio; b) juízes da família: comentários, curiosidades e desinformações; c) as marcas de um suicídio nos sobreviventes enlutados; d) em luto, eu luto. Para a preservação e manutenção do sigilo, foram atribuídos nomes fictícios aos/às entrevistados/as, que possuem o significado “guerreiro(a)” em sua significação: Luise, 61 anos; Igor, 47 anos; Celina, 45 anos; Boris, 61 anos; Roger, 65 anos; Dandara, 72 anos; Heloisa, 68 anos; Lorena, 54 anos.

Significados e Representações do Suicídio

Ao abordar a temática do suicídio, seus significados e representações, compreende-se a existência de crenças e entendimentos que se encontram na interação entre o individual e o coletivo, à medida que os símbolos partilhados socialmente são reforçados, mediados e internalizados pelos indivíduos, tornando-se constitutivos da essência e organização social.

Os significados e representações acerca dos fenômenos envoltos ao ser humano apresentam-se, então, na interface do psicológico, cultural e social, mediante conhecimentos introjetados e compartilhados que contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a compreensão e a comunicação do sujeito no mundo. Acerca do exposto, os significados atribuídos às diferentes vivências atrelam-se a valores, noções e práticas individuais que orientam as condutas no cotidiano das relações e se manifestam através de estereótipos, sentimentos, atitudes, palavras, frases e expressões.

Questionados sobre suas compreensões em relação à temática do suicídio e de que forma essa temática é discutida, compreendida e vista individual e culturalmente, os participantes trazem as seguintes afirmativas:

A sociedade não aprendeu a falar sobre morte, quem dirá sobre suicídio (Celina, 45 anos).

A morte já é um tabu gigantesco. O suicídio, então, as pessoas sussurram (Heloisa, 68 anos).

Não é vista como uma morte normal pela sociedade. Na verdade, a morte não é vista como normal, mas quem dirá a morte por si próprio (Luise, 61 anos).

A sociedade tem muito aquela ideia de que o que leva ao suicídio é fraqueza, falta de Deus, essas coisas. A gente, enquanto família, se sente julgado (Dandara, 72 anos).

Acho que é visto, principalmente, como covardia. Como se fosse algo simples de não acontecer, como se dependesse somente da força de vontade daquela pessoa que está sofrendo (Roger, 65 anos).

Em vista às narrativas, infere-se que as representações acerca da temática da morte, em especial por suicídio, possuem influência na maneira como o suicídio é significado, posto que, durante séculos, principalmente por razões religiosas e morais, o assunto já era tratado de forma estigmatizada. As falas a seguir demonstram essa estigmatização.

A sociedade não aceita e julga aquilo que ela não pode controlar, no caso, a morte (Luise, 61 anos).

Tem muitos estigmas que permeiam. Como assim alguém escolhe não querer viver? Então já começa aí o julgamento (Lorena, 54 anos).

E principalmente no universo da religião, as pessoas associam muito à coisa espiritual, às ideias de pecado (Igor, 47 anos).

Daolio e Silva (2009) retratam que algumas das representações atribuídas ao suicídio estão ligadas a ideias de desespero, sofrimento, fraqueza, fuga da dor, falta de apoio e empatia das pessoas próximas, entre outras. Esses aspectos também foram demonstrados por Moraes e Sousa (2011), que relataram problemas pessoais, financeiros, sintomas deprimidos, vontade de acabar com o sofrimento, falta de provisão das necessidades básicas como possíveis motivadores para o suicídio. Entretanto, apesar da intensa dor, o enlutamento por suicídio está entre os lutos “não reconhecidos socialmente”, termo desenvolvido por Doka (1989) para definir uma perda concreta ou simbólica carregada de estigma e, por isso, inibida socialmente.

Ademais, de acordo com Casellato (2015), trata-se de um fenômeno psicossocial, no qual impera o fracasso da empatia pelo sofrimento humano e o pesar dos enlutados torna-se incompreendido, invalidado e não legitimado. Como consequência dessas representações e resistências, existem elaborações e representações mentais sobre os motivos e sobre o suicídio. Frente a isso, os entrevistados manifestam o desejo por acionar, nas pessoas em geral, a sensibilização para com a temática e suas variáveis multifatoriais, não se atribuindo rótulos ou estigmas à pessoa que cometeu suicídio e aos enlutados sobreviventes.

Ainda existe muita desinformação sobre multifatores do suicídio. É mais fácil tentar achar culpados (Roger, 65 anos).

É preciso mostrar que a saúde mental importa e que o suicídio é consequência de muitos fatores (Lorena, 54 anos).

Ainda no que se refere aos significados e representações atribuídos ao suicídio e aos enlutados, os entrevistados inferem que a sociedade contemporânea não tolera entrar em contato com sinais tidos como de fraqueza ou tristeza, posto que se vive em uma sociedade tecnológica, com fluxos e ritmos cada vez mais acelerados (ABP, 2014). Em face ao exposto, os sobreviventes enlutados afirmam que o medo e a vergonha de falar sobre o assunto abertamente são reforçados, também, por tais ideologias, como bem expressa a fala a seguir:

Ah, tudo acontece tão rápido hoje em dia. Nós percebemos que a partir de certo ponto passamos a incomodar, porque o barco tem que seguir (Luise, 61 anos).

Diante disso, sabe-se que a morte e o morrer, muito mais o suicídio, não são temas de preferência para reflexões. Porém, alguns entrevistados pontuam o desejo por mudanças nas discussões acerca do suicídio e sua relevância como fator protetivo, não somente para indivíduos com ideação suicida, mas também para as famílias sobreviventes mobilizadas por essa perda, com o intuito de suscitar novas formas de se representar e compreender o suicídio e os sobreviventes enlutados que permanecem, como exposto nas narrativas seguintes.

O suicídio não pode mais ser escondido (Roger, 65 anos).

A gente passa a perceber que esse mundo do suicídio existe e que agora nós fazemos parte dele. Gostaria que as pessoas pudessem nos reconhecer e ver que a gente existe (Boris, 61 anos).

Com isso, observa-se que muitos sobreviventes enlutados pelo suicídio de um familiar mobilizam esforços significativos quanto à mudança nas formas de interpretação e entendimento de um suicídio e do luto vivenciado pelos sobreviventes.

Juízes da Família: Comentários, Curiosidades e Desinformações

Consoante Scavacini (2018), as restrições, julgamentos e desconhecimento ao se abordar o luto por um suicídio estão associados ao tabus e mitos envolvendo o ato. Diante disso, percebe-se que, na negação ou diminuição do sofrimento, é possível a não legitimação da morte e da dor do enlutado.

Socialmente, circulam fantasias de que, ao se abrirem espaços de diálogo sobre o suicídio, isso poderia motivar ou desencadear um novo ato suicida ou até mesmo desorganização psíquica dos enlutados. No entanto, na impossibilidade de nomear a dor do evento potencialmente traumático, a interdição da comunicação, a repressão de afetos e o silenciamento social e cultural acabam tornando mais difícil o processo de enfrentamento desse luto, mantendo os sobreviventes num luto solitário e taciturno (Alpe; Cruz, 2022).

Os julgamentos e questionamentos entre os próprios sobreviventes enlutados são muito comuns. Todavia, a desinformação e invalidação social do sofrimento vivenciado pelos sobreviventes evidenciam-se em comentários e especulações, como revelam os entrevistados em suas narrativas.

Nesse momento do luto inicial, do choque inicial, a gente não tem nem condições de dizer algo. A gente também está se perguntando as coisas que as pessoas querem saber (Igor, 47 anos).

Falta sensibilidade de algumas pessoas, sem sombra de dúvidas. A família não precisa de perguntas. Na verdade, é a última coisa que precisa, porque não tenho dúvidas de que todas essas perguntas a gente já se faz internamente todos os dias (Heloisa, 68 anos).

Segundo Worden (2013), os sobreviventes enlutados convivem, frequentemente, com questionamentos invasivos de que havia algo que deveriam ou poderiam ter feito para impedir a morte trágica. Sentem-se, pois, responsáveis por assumir responsabilidades de não terem conseguido, de alguma forma, identificar os sinais de alerta referentes ao comportamento suicida e atribuindo a isso uma falha a si próprio ou ao sistema familiar. Comentários apresentados por pessoas próximas ou da sociedade em geral vêm a incrementar esse senso de responsabilização.

As pessoas querem especular. Diziam “Ah, mas o que aconteceu na vida dele? Vocês não se davam bem com ele? Mas como assim ele tinha depressão?” “Mas vocês não buscaram tratamento?” “Por que não o internaram de novo?” (Luise, 61 anos).

A principal e pior pergunta: “mas por que ela fez isso?” A resposta é que a gente não sabe, nunca vai saber (Roger, 65 anos).

As pessoas perguntam tanto, que chega um ponto que você sente que tem que dar um relatório (Dandara, 72 anos).

De acordo com Fukumitsu (2018), a culpa é a falsa ilusão da desinformação social de que a atitude dos sobreviventes poderia evitar o desfecho trágico do suicídio. Outro fator apresentado como disfuncional pelos entrevistados consiste nos julgamentos não somente da família, mas também das próprias pessoas que cometeram o suicídio.

Minha filha de 1,53 m não escalou uma árvore enorme, em uma rua perigosa, na madrugada, para chamar atenção. Ela estava em desespero. Tem pessoas que contam de quando seu parente foi socorrido, na tentativa de reanimar ou internar em tempo, muitas pessoas tratavam diferente, até debochavam como se aquela pessoa e aquela família não merecessem estar ali. Falas do tipo: “tenta mais forte da próxima vez”. Eu já ouvi falas muito, muito problemáticas (Heloisa, 68 anos).

Eu tive pessoas, do lado da fé, que comentaram que ela estava condenada pra eternidade, e coisas assim. Isso dói muito. Outros disseram que ela tinha se terminado (Igor, 47 anos).

Com isso, infere-se que a percepção da própria finitude pode desencadear sentimentos de medo e pavor. Com isso, os conhecimentos que evocam a fragilidade humana tendem a ser reprimidos, segundo Kovács (2002). Esse esforço de manter afastado não somente o suicídio, mas também os enlutados próximos a alguém que cometeu suicídio, revela uma tentativa de proteção tanto pessoal quanto coletiva, em relação ao que é considerado pecaminoso e proibido.

Destarte, pode-se também identificar casos em que o sofrimento, as emoções e os sentimentos invalidados dos sobreviventes vêm a ser acentuados não somente por especulações, acusações e julgamentos de pessoas próximas, como também a partir de condutas e comportamentos que sugerem o desejo de apagar a memória e existência daquele que cometeu o suicídio (Clark, 2007; Fukumitsu, 2018).

Tem pessoas que se irritam porque a gente fala do nosso ente querido, e eu vou falar sempre. Ela faz parte da minha vida, da minha essência (Heloisa, 68 anos).

Hoje esse assunto não existe na minha família extensa, ninguém pergunta, não fala nada, não se fala no Z. É quase como se o meu irmão não existisse e não tivesse existido. Minha mãe sofre muito por isso (Celina, 45 anos).

De acordo com Worden (2013), encontrar alguém para direcionar a culpa pode ser uma tentativa de manter o controle e encontrar certo sentido numa situação de difícil compreensão. Por pautar-se em sistemas de crenças e pensamentos que o aproximam da morte, o suicídio é rejeitado pelo contexto social por aproximar os sujeitos em relação à própria finitude. Com isso, a morte se torna mais possível, mais real, materializada.

As Marcas de um Suicídio nos Sobreviventes Enlutados

Considerando que, em todo o mundo, o número de suicídios tem se elevado continuamente, ultrapassando 800 mil casos por ano, infere-se que o número de sobreviventes enlutados é considerável e crescente. Apenas no ano de 2020, os suicídios representaram 2,4% do total de mortes no mundo, com predominância em países em desenvolvimento, de modo que uma pessoa morre a cada 45 minutos, totalizando 32 suicídios por dia apenas no Brasil (Benetti *et al.*, 2007; WHO, 2019).

Worden (2013) reflete que a pressão emocional, vergonha e culpabilização afetam as interações sociais do sobrevivente, bem como podem alterar drasticamente os relacionamentos familiares, o que é expresso nas falas dos entrevistados.

Na época, a minha mãe decidiu não revelar para os outros parentes que a morte foi por suicídio. Ela estava com receio de como as pessoas reagiriam ou julgariam (Celina, 45 anos).

Eu não permiti que meus pais soubessem a causa da morte dela. Era horrível, porque eu realmente não tinha com quem desabafar, mas eu quis proteger eles de terem que lidar com o que realmente tinha ocorrido (Heloisa, 68 anos).

Diante dos depoimentos, percebe-se que os pactos de segredo podem deteriorar significativamente os laços afetivos e dificultar a retomada dos papéis e tarefas anteriores à morte (Scavacini, 2018). O estigma e a falta de discussões sociais, abertas e transparentes em torno dessa temática corroboram com o silêncio dos sobreviventes enlutados.

Contudo, haja vista os dados alarmantes acerca do suicídio, a temática da prevenção ao suicídio encontra-se mais em pauta entre as pessoas nos últimos anos, porém ainda existe um longo caminho a ser percorrido. Acerca disso, Celina e Lorena relatam:

Pra mim, suicídio era um assunto distante de, sei lá, um artista que se drogou e morreu. Essa era a minha visão do suicídio muito de vez em quando nas notícias. Acho que, hoje em dia, se fala um pouco mais de prevenção. Lembro quando surgiu a campanha do Setembro Amarelo em 2015, e aí eu pensei assim: “Olha, agora alguém vai falar de suicídio?” (Celina, 45 anos).

Eu vivia um grande estigma, o da “filha do fulano que se matou”. Sei que isso ainda acontece

e com frequência, mas, pelo menos, já é uma pauta mais discutida (Lorena, 54 anos).

Ainda em relação às marcas deixadas pelo suicídio nos familiares sobreviventes, ressalta-se a culpabilização (Botega, 2015), que vem a contribuir como um possível dificultador ao processo de significação do luto, o que pode resultar, em muitos casos, em comportamentos desadaptativos.

Eu comecei a beber. Isso se intensificou muito no ensino médio e na faculdade. A bebida foi minha aliada por algum tempo. No início, eu sentia uma culpa enorme, porque eu achava que a culpa era minha dele ter morrido (Lorena, 54 anos).

Eu mantive, por muito tempo, aquela postura combatente, forte. Eu mergulhei completamente no trabalho por muitos anos. Era excessivo, foi meu escape (Celina, 45 anos).

A bebida e o cigarro foram minhas companhias por oito anos depois da morte dela. Eu fazia tudo isso escondido, no quarto (Igor, 47 anos).

Meus outros dois filhos são tentantes, já tiveram tentativas de suicídio após a morte da irmã (Roger, 65 anos).

Os resultados encontrados evidenciaram que o suicídio pode ser entendido, significado, vivenciado e enfrentado de diferentes formas pelos sobreviventes, porém, sem dúvidas, as marcas do sofrimento e das dificuldades enfrentadas são intensas e demarcam a complexidade de estar enlutado pela morte de um familiar por suicídio. Os questionamentos apresentados pelos “porquês” e os “e se”, bem como pelo aspecto traumático e violento da morte apresentam-se nos seguintes relatos:

Eu fico me perguntando até hoje: “por que eu não cortei a corda? Por que eu não tirei?” (Luise, 61 anos).

Nunca mais vou me esquecer daquele barulho de tiro. Pensava muito em onde eu ia jogar o carro para não parecer um suicídio. Pensei em suicídio algumas vezes, mas eu não queria que a minha família carregasse mais uma marca (Lorena, 54 anos).

O meu marido ficou por muitos anos querendo descobrir os “porquês”. Eu dizia pra ele que nada iria mudar o que tinha acontecido (Dandara, 72 anos).

De acordo com esses depoimentos, pode-se inferir que as marcas do sofrimento desencadeado pela morte de um familiar por suicídio são significativas, tratando-se de uma experiência avassaladora e de difícil enfrentamento, muitas vezes reforçada pela falta de apoio e acolhimento tão necessários à vivência do luto (Fukumitsu; Kovács, 2016).

Em Luto, Eu Luto

Ressalta-se que, em muitos casos, o grau de sofrimento imposto pelo processo de estar enlutado por um suicídio também acarreta a busca por recursos de enfrentamento e estratégias de adaptação, em que se busca a atribuição de significados e solução de problemas que tragam algum sentido para o não sentido.

Hoje em dia, cuidar da minha neta é o que me garante estar viva (Luise, 61 anos).

Nos ocuparmos de nosso papel de avós foi algo que mudou bastante o luto ao meu ver. Em meio à morte, veio a vida também (Dandara, 72 anos).

Eu tenho minha esposa hoje, casei novamente e tive outros filhos. A vida seguiu seu rumo e, mesmo sabendo que carrego essa marca na minha história, eu me considero um cara forte (Igor, 47 anos).

Ademais, outros entrevistados manifestam que as marcas do suicídio e dos juízes do luto são vivenciadas e expressas através do fomento de pautas e discussões sobre prevenção e posvenção, estudos sobre a temática e formas de auxiliar outras pessoas que passam ou que possam passar por isso, como uma forma de ressignificar a perda.

Eu descobri, como maior forma de enfrentamento, usar a minha voz. A minha história, a minha tragédia. Essa foi a minha ressignificação. Busquei estudar, tenho diversos livros sobre o assunto, fui me educar sobre isso. Eu sempre digo que eu continuo, mesmo com a dor (Roger, 65 anos).

Desde o primeiro dia eu compartilho minha experiência nas redes sociais através de um *blog*. A escrita, para mim, é terapêutica e me ajudou. Hoje em dia, recebo mensagens de pessoas que, de alguma forma, se sentem confortadas pela minha dor (Boris, 61 anos).

A minha tentativa é essa. É estar aqui hoje, compartilhar a minha história, eu participo e também coordeno um grupo de apoio para sobreviventes, então é o que vai nos dando pelo menos um sentido para seguir. Quando surgiu a campanha do Setembro Amarelo, isso despertou algo. Escolhi, então, ajudar pessoas a não viverem o luto sem ajuda (Celina, 45 anos).

Em vista ao exposto, não há dúvidas dos desafios atravessados pelos enlutados sobreviventes de um suicídio, bem como suas difíceis reverberações aos familiares. Contudo, percebe-se que as lembranças do familiar falecido se preservam, não sendo mais carregadas de tanta dor, possibilitando, então, condições para a construção de novos sentidos e significados. Assim, os sobreviventes emergem da experiência traumática com mudanças significativas em seus sistemas de crenças e valores pessoais (WHO, 2019), como trazido por Roger (65 anos), Boris (61 anos) e Heloísa (68 anos):

Eu utilizo a militância pela causa. Então, mesmo em luto, eu luto (Roger, 65 anos).

O meu luto hoje virou saudade. Eu escrevo para dar sentido a tudo isso e ajudar pessoas em luto por suicídio (Boris, 61 anos).

Depois que eu descobri os grupos de apoio, não parei mais. Hoje coordeno grupos de apoio e para mim é uma forma de dar sentido. Eu sempre penso que eu não quero que o legado da minha filha seja esquecido, então faço questão de falar dela. Transmitir a mensagem da prevenção e da posvenção (Heloísa, 68 anos).

Diante do exposto, sugere-se a importância de levar em consideração aspectos relacionados à resiliência, tanto individual quanto familiar, em face ao luto e suas repercussões (Yunes, 2003; Walsh, 2005). Considerando-se o fato de que a resiliência consiste em uma habilidade de auto recuperação diante de eventos difíceis e emocionalmente arrebatadores, infere-se sobre a importância da expressão da resiliência através da possibilidade de se reorganizar e voltar a desenvolver-se positivamente, mesmo perante momentos de dificuldade.

Entende-se que a manifestação da resiliência possibilita o fortalecimento pessoal e familiar, através do uso de estratégias de enfrentamento positivas diante da experiência de sofrimento mobilizada pelo luto por suicídio. No entanto, reforça-se que a resiliência deve ser compreendida como um processo e não como um aspecto estático, haja vista que a compreensão do seu conceito é complexa e deve ser combinada com outros fatores.

Por fim, ressalta-se que a resiliência não é inata ao sujeito, nem se trata de uma característica fixa e invariável, mas sim um processo que se dá nas interações do sujeito com o meio em que vive e com a existência de fatores de proteção. No caso dos sobreviventes enlutados por um suicídio, entende-se a importância do fortalecimento de aspectos protetivos e de pertencimento que podem ser viabilizados através de intervenções de posvenção e um olhar social mais empático e cuidadoso ao sofrimento dos enlutados.

Considerações finais

Alpe e Cruz (2022) defendem que, dentro das nuances das coisas “inomináveis”, o fenômeno do suicídio pode estar incluído. As autoras citam Sartre (1938, p.142), para quem os objetos podem se desprender de seus nomes “quando grotescos, gigantes e obstinados”.

Com isso, em vista do seu significativo e inominável impacto subjetivo, o suicídio encontra-se em uma categoria de afastamento da palavra que o designa. Ainda no que se refere à palavra “inominável”, Fernandes, Luft e Guimarães (2003, p. 355) afirmam que “é algo a que não se pode atribuir nome ou significado”.

Questionamentos relacionados ao sentido da vida sempre existiram e marcam as mais diferentes culturas e sociedades, tratando-se de uma discussão filosófica secular. Nesse escopo, compreende-se que a morte autoinflingida e os familiares enlutados por um suicídio serão marcados por projeções diante de uma sociedade temerosa à morte.

Com isso, o presente estudo reitera que o fenômeno do suicídio e do luto por suicídio é complexo, ambíguo e cercado por tabus, mitos e estigmas, apresentando-se como um acontecimento de natureza delicada e polêmica para a sociedade. Destarte, representa um dos comportamentos humanos mais enigmáticos e perturbadores, pois parece irremediavelmente destrutivo e traz consigo um conjunto de sentimentos, como culpa e vergonha, perplexidade, medo, revolta, entre outros.

Percebeu-se a existência de um inevitável sofrimento desencadeado pela morte de um ente querido e, nos sobreviventes em luto por um suicídio, esse sofrimento é potencializado pelos julgamentos, curiosidades, interdições, estigmas e preconceitos ainda associados à morte autoinflingida. Com isso, mobiliza e intensifica sentimentos de solidão, culpa e dor ainda tão característicos a esse luto. Em vista disso, entende-se que a falta de informações a respeito do suicídio, aliada à contínua existência de tabus sobre a morte na sociedade moderna, é uma barreira que precisa ser superada para ampliar a discussão sobre o suicídio, considerando-a como uma problemática de incumbência da saúde pública, tendo em vista o crescente número de pessoas enlutadas por esse tipo de morte.

Além disso, identifica-se que o contexto histórico, tanto da morte quanto do suicídio, passou por diferentes mudanças que acompanham momentos históricos e sociais. As somas dessas concepções podem contribuir para a existência dos estigmas e tabus em relação ao suicídio, haja vista que a morte de si mesmo passa a ter um sentido de fracasso e vergonha e tais representações são direcionadas aos

sobreviventes que vivenciam esse tipo de perda.

Diante do exposto, verifica-se que o contexto social e histórico no qual os seres humanos estão inseridos é preponderante na maneira dele agir sobre o mundo. E essa relação tanto pode contribuir para o receio existente sobre o suicídio, como também pode motivar o indivíduo para a ação, uma vez que, como o assunto não é discutido, poucos serão os projetos voltados à prevenção.

Levando isso em consideração, a presente pesquisa buscou possibilitar a discussão e compreensão das representações e significados de uma morte por suicídio, bem como o quanto tais representações impactam a travessia pelo processo de luto na vida de sobreviventes enlutados.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- ALPE, A. C. O. S.; CRUZ, C. W. Sobrevivendo ao suicídio: repercussões nos familiares. 2017. Monografia de Conclusão do Curso (Especialização em Saúde Pública) – Escola de Saúde Pública, Centro de Educação e Pesquisa em Saúde, Porto Alegre, 2017.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARIÉS, P. História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENETTI, I. C.; MOLINA, L. R.; KORNIN, A. Características do suicídio em Santa Catarina: um estudo do período de 2007 a 2016. *Estud Psicol.*, Natal, v. 23, n. 4, p. 404-415, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v23n4/a07v23n4.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- BOTEGA, N. J. Crise Suicida: Avaliação e Manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- CAIN, A. *Survivors of Suicide*. Springfield: Illinois. Charles C. Thomas Publisher, v. 1, 1972.
- CAPUTO, R. F. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Revista Multidisciplinar da Uniesp Saber Acadêmico*, n. 6, p. 73-80, 2008.
- CASELLATO, Gabriela. Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In: _____ (Org.). *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido*. São Paulo: Summus, 2015. p. 15-28.
- CLARK, Sheila. *Depois do suicídio: apoio às pessoas em luto*. Tradução Marcello Borges. São Paulo: Gaia, 2007.
- DAOLIO, Edilberto Raimundo; SILVA, José Victor da. Os significados e os motivos do Suicídio: as representações sociais de pessoas residentes em Bragança Paulista, SP. *Centro Universitário São Camilo*, v. 3, n. 1, p. 68-79, 2009.
- DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FEIFEL, H. *The meaning of death*. New York: McGraw-Hill, 1959.
- FERNANDES, F.; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, M. *Dicionário Brasileiro Globo*. Rio de Janeiro: Globo, 2003.
- FRANCO, M. H. P. *Estudos Avançados sobre o Luto*. Campinas: Livro Pleno, 2002. v. 1.
- FUKUMITSU, K. O. Suicídio: do desalojamento do ser ao desertor de si mesmo. *Revista USP*, v. 119, p. 103-114, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i119p103-114>. Acesso em: 6 abr. 2024.
- FUKUMITSU, K. O.; KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016.
- JORDAN, John; MCINTOSH, John (Org.). *Grief after suicide: understanding the consequences and caring for the*

survivors. Nova York: Routledge, 2011.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. In: KOVÁCS, M. J. (Org.). Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. v. 1.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de Saúde e educação. 2002. Tese (Livre Docência) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. 2. ed. Santos: Martins Fontes, 1970.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 10, p. 86-106, 2007.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (ritos orais funerários australianos). *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MINAYO, M. C. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MORAIS, Sílvia Raquel Santos de; SOUSA, Geida Maria Cavalcanti de. Representações sociais do suicídio pela comunidade de dormentes-PE. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, p. 160-175, 2011.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROGRIGUES, J. C. *Tabu da morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

SANTOS, F. S. Perspectivas histórico-culturais da morte. In: SANTOS, F. S.; INCONDRI, D. (Org.). *A arte de morrer: visões plurais*. São Paulo: Comenius, 2009. p. 13-25. v. 2.

SCAVACINI, Karen. O suicídio é um problema de todos: a consciência, a competência e o diálogo na prevenção e posvenção do suicídio. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SCAVACINI, Karen. Por que precisamos falar sobre o suicídio? In: _____ (Ed.). *Histórias de sobreviventes do suicídio*. São Paulo: Benjamin Editorial & Instituto Vita Alere, 2018. p. 7-21.

WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Roca, 2005. v. 1.

WORDEN, James William. *Terapia no luto e na perda: um manual para profissionais de saúde mental*. São Paulo: Roca, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Suicide Worldwide in 2019*. Geneva: World Health Organization, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Suicide worldwide in 2019: global health estimates*. Genebra: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>. Acesso em: 20 jan. 2024.

YUNES, M. A. M. *Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, n. 8, 2003.